



Primeira declaração de 2018 de Primeira Linha

PRIMEIRA LINHA :: 02/01/2018

Al proletariado, juventud, mujeres y conjunto del Pueblo Trabajador Galego

Primeira declaração de 2018 de Primeira Linha ao proletariado, juventude, mulheres e conjunto do povo trabalhador galego

O ano 2017 confirmou a deriva autoritária e fascistizante do Estado espanhol, a monumental fraude do espaço socialdemocrata denominado “nova política”, o desastre ao que conduz Galiza a franquícia regional do PP, e a necessidade de reconstruir o partido comunista combatente, patriótico e revolucionário galego.

O retrocesso nas liberdades básicas, como a de expressom e opiniom, a conculcaçom dos direitos individuais e coletivos, contrasta com a impunidade na exhibiçom e apologia da ditadura fascista.

A agudizaçom de medidas de excepçom, violênciam policial, torturas e maus tratos nas esquadrasm; o endurecimento e prepotênciam da ditadura judicial ao serviçom dos interesses e necessidades do Ibex 35, som fatores que homologam o Reino de Espanha com a Turquia.

Neste quadro de involuiçom geral e integral do capitalismo hispano, os núcleos centrais do regime já nom se preocupam por ocultar que a segunda restauraçom bourbónica nom é mais que a continuidade maquilhada do franquismo, prolongaçom dos 40 anos de terror fascista imposto polasm armas em 1936.

A eclosom deste neofascismo está visado a disciplinar a maioria social trabalhadora sob um programa chauvinista, arroupado pola bandeira franquista, que permita adotar todas aquelas medidas necessárias para derrotar o independentismo catalám, afogar as dissidências, assimilar a Galiza, e desviar a atençom da classe operária do seu verdadeiro inimigo.

Felipe VI -o filho do caçador de efebantes escolhido polo Caudilho-, os partidos monárquicos [PP, PSOE, C’s e Podemos], os meios de [des]informaçom de massas, constroém umha realidade caraterizada pola fantasia, a ocultaçom e a burda manipulaçom, fundamental para assegurar a dominaçom e exploraçom.

A hegemonia deste relato só é possível pola praticamente inexistente consciênciam política e formaçom ideológica da classe trabalhadora e das camadas populares, completamente vulneráveis a reproduzir as mentiras e falsidades dessas máquinas de destruiçom maciça da verdade que som a imprensa, as rádios e as TV propriedades das empresas do Ibex 35.

Todo o que agora acontece emana dos acordos e consensos da reforma política da Trasiçom, pactuada polo PCE e o PSOE com o falangismo, da açom teórico-prática legalista da “esquerda institucional”, tam afastada do combate de ideias como complacente com o poder que cinicamente afirma pretender derrubar.

A hegemonia absoluta da “esquerda” desnutrida no campo popular, tem sido um fator determinante para acabar com o ciclo ascendente de lutas que caracterizou a mudança de década, para a propagação da epidemia do triplo vírus [eleitoralismo, pacifismo e respeito supersticioso pelo democraticismo burguês] que mesmo arrassou com a capacidade crítica nos setores mais avançados da nossa classe.

Os três principais espaços da “esquerda” operante na Galiza, que copam o âmbito institucional-eleitoral do regime [Podemos, Marea, BNG] estão esterilizados para combater o capitalismo e a dependência nacional, pois as suas elites pequeno-burguesas só pretendem canalizar e instrumentalizar a indignação e o malestar popular em votos, para praticar o critinismo parlamentar.

Estas forças tenham sido, por ativa e por passiva, agentes fundamentais na consolidação da desmovimentação popular, no assentamento do atual quadro de “pax social”, que permite endurecer a exploração de classe e a assimilação nacional.

O atual Estado espanhol está controlado por boa parte dos mesmos oligopólios conformados nas quatro décadas de autarquia franquista, por uma casta criminal e corrupta, sem escrúpulos, disposta a todo, inclusive a empregar a força militar do exército vencedor na guerra de classes de 1936-39, para esmagar a mais mínima mudança que faça perigar a sua perpetuação.

O Estado centralista e chauvinista, que trata com mentalidade e lógica colonial às nações e povos oprimidos da periferia madrilenha, que despreza ao povo trabalhador, simplesmente não se pode reformar. A sua destruição é a única alternativa possível para sentar as bases dumha nova sociedade presidida pela justiça social e as plenas liberdades.

Em 2017 sofremos novamente as consequências das criminais políticas de cortes e austeridade, das privatizações, que nos fizeram mais pobres, que incrementaram as taxas de precariedade em mais segmentos do povo trabalhador.

O ano que agora finaliza apresenta uma Galiza com perto de 300 mil desempregadas e desempregados, com perto de meio milhão de contratos precários e eventuais, com dúzias de famílias que perderam as suas casas, com a normalização dos salários e pensões de miséria, com o incremento do deterioramento da saúde, do ensino e dos serviços sociais, com o aumento da emigração maciça da juventude, do custo de produtos básicos de consumo, da eletricidade, do transporte e impostos. Esta praga emanada dos ditados da *troika* só tenham provocado dor e sofrimento.

Paradoxalmente a nossa nação apresenta um quadro objetivamente favorável para um ciclo de ascensão da conflituosidade laboral e social, mas somos uma formação social presidida pela *pax social*.

A ausência do fator subjetivo que promova reivindicações, que gere lutas, que desenvolva uma estratégia de rebelião popular, é consequência da raquítica auto-organização operária e popular, da orientação reformista hegemónica na direção do sindicalismo e dos movimentos sociais, na carência de um partido comunista

que oriente e dinamice o povo trabalhador sob umha direção e ideologia proletária.

O refluxo da luta popular, e o deslocamento das ruas e dos centros de trabalho e ensino como centro de gravidade das lutas, substituída polo ilusionismo eleitoral, tem sido determinante para frear o desgaste do pós-franquismo, do ilegítimo regime pactuado na segunda metade da década de setenta.

Galiza segue esmorecendo

Lamentavelmente nom podemos matizar o drâmatico diagnóstico elaborado o ano passado. O adverso “cenário de retrocessos populares enquadra-se no prolongado processo de crise nacional galega.

Longe de leituras maquilhadas e de triunfalismos irresponsáveis que só prejudicam o nosso específico quadro nacional de luta, nom podemos evitar seguir **alertando da grave situação que atravessa Galiza como projeto político**, e nom nos referimos única nem basicamente à hemorragia eleitoral do “nacionalismo de esquerda”.

Som mais bem esse “**conjunto de tendências e factores transversais verificáveis em todas as ordens da sociedade galega, fruto do sucesso da eficaz estratégia assimilacionista espanhola e dos erros cometidos polo conjunto das forças políticas e sociais que definimos como esquerda patriótica galega.**

Ou bem sentamos as bases para alterar esta tendência inçada de pulsions suicidas às que inconscientemente está aderido umha considerável parte do nosso povo ou **o projeto nacional galego continuará avançando face a derrota estratégica”.**

Desaproveitamos o 100 aniversário da Revoluçom Bolchevique e o 50 do Che

Tal como manifestamos há umhas semanas, nem Primeira Linha nem a totalidade dos partidos comunistas e organizaçoms marxistas-leninistas de praticamente todas as latitudes do globo, logramos aproveitar o centenário da Revoluçom de Outubro.

As atividades desenvolvidas fôrom poucas, dispersas, sem projeçom, concebidas de forma burocrática para mero consumo interno. Nom servírom para relançar nem para divulgar a alternativa revolucionária comunista frente ao caos ao que nos conduz o capitalismo senil.

Na sua imensa maioria nom lográrom superar o mero exercício nostálgico que rememora, de forma sesgada e amputada, o significado e as suas liçoms para a luta de classes e a estratégia proletária visada à tomada do poder.

Desaproveitamos umha ocasiom de ouro para restaurar os fundamentos do anticapitalismo, para recuperarmos os princípios ideológicos comunistas, para reivindicar a genuina açom teórico-prática elaborada por Marx, Engels e Lenine.

Independência e Comunismo

Nom som bons tempos para quem nom arriamos as bandeiras revolucionárias, para quem

contra vento e marê, com a perserverância e a teimosia que nos ensinou o Che, seguimos defendendo que o **axioma Independência-Comunismo segue plenamente vigente. É o eixo central da estratégia da Revolução Galega.**

Nom queremos remendos, nem reformas do capitalismo, luitamos polo Comunismo, por umha sociedade sem classes nem opressons. E toda a nossa linha tática está supeditada a este objetivo.

Como comunistas nom nos cansaremos de afirmar que as mudanças e transformaçons que anseia umha ampla maioria social, nunca emanarám das urnas do inimigo, nom poderám ser resultado das alternâncias eleitorais da partitocracia, nem dumha maioria aritmética parlamentar.

O sistema capitalista e o regime postfranquista há que tombá-lo na rua, mediante a combinação dialética de todas as formas de luta. **A insurreiçom nacional, obreira e popular é a única estratégia que nos conduzirá para a libertaçom nacional, emancipaçom de classe e superaçom da dominaçom patriarcal.**

A Revolução Galega emanará de um levantamento popular que dia a dia, em cada luta anónima ou pública, temos que contribuir silenciosamente para preparar.

Sabemos que a dia de hoje ainda nom existem as condições subjetivas imprescindíveis que permitam atingí-la. Mas também sabemos que o nosso dever é contribuímos para criá-las. O único caminho é a organizaçom e a luta operária.

A história da luta de classes tem confirmado umha e outra vez que nom existem atalhos para abrir amplas alamedas. Só a persistência da luta quotidiana, do compromisso altruísta, do bem-estar do dever cumprido, da humildade revolucionária, permitirá que as condições eclosionem e um furacám popular tombe este regime o o sistema que o ampara.

Mas também sabemos que a reconstruçom do movimento revolucionário galego e internacional exige fugirmos de nostalgias, reclama abandonarmos as deformaçons do marxismo que arrastamos a prática totalidade das forças que nos reclamamos seguidoras dos seus ideais emancipadores.

Cumpre voltarmos às origens, restaurar os fundamentos do anticapitalismo, recuperar o espírito rebelde e antagónico que caracteriza o marxismo-leninismo.

O comunismo do século XXI tem que depurar-se da mutaçom político-ideológica imposta pola hegemonia pequeno-burguesa no seu seio ao longo do século XX, tem que agir como movimento subversivo, como insurgência nacional sob umha orientaçom e coordenaçom internacional. A rebeliom nom só é um direito, é umha obrigaçom.

Lembranças, homenagens e desejos

É um dever lembramos as três mulheres assassinadas polo terrorismo machista na Galiza em 2017.

Mas nom queremos despedir este 2017 sem transmitir umha saudaçom comunista e comunista à Galiza rebelde e combativa, a toda a juventude, às mulheres, ao proletariado, ao conjunto da classe obreira que luitou nos seus respetivos centros de trabalho e ensino, nas ruas, contra as agressons em curso.

Queremos também reclamar a liberdade dos presos e presas políticas galegas.

Ao conjunto da classe obreira galega e do mundo enviamos umha saudaçom comunista revolucionária.

Saudaçom que fazemos extensível ao movimento popular galego e a todos aqueles coletivos e organizaçons que combatem sem trégua.

E aos **povos do mundo que luitam contra o imperialismo**, especialmente ao povo da Catalunha, Palestina, da Síria, do Iraque, do Saara, do Curdistám, da Nova Rússia, da Venezuela, de Cuba, às organizaçons revolucionárias e partidos comunistas com os quais nos unem intensos e fraternos laços de amizade forjados na solidariedade internacionalista.

Até a vitória sempre!

Viva a Revoluçom Galega!

A luta é o único caminho!

Comunismo ou caos! Venceremos!

Galiza, 31 de dezembro de 2017

<https://galiza.lahaine.org/primeira-declaracom-de-2018-de>